

O Festival Cururu Siriri e seus impactos: Espetacularização, Revalorização e Transformação de duas tradições.

Aaron Roberto de Mello Lopes

EMUS\UFBA - aaronmlopes@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar o impacto do *Festival Cururu Siriri* no processo de revalorização da identidade cuiabana. Tal estudo se faz necessário devido ao fato de que durante décadas as tradições do Cururu e do Siriri foram relegadas e tiveram sua importância diminuída na cultura local. Nesse sentido, o atual artigo relata o caráter inovador e espetacular do evento e toca na questão das adaptações que as tradições fazem para que se integrem ao novo papel que assumem. Percebe-se que, até o momento, a música tem sofrido pouca alteração, pois os grupos tem buscado por inovações em outras áreas, como dança, figurino e performance.

Palavras chave: Etnomusicologia; Cultura cuiabana; Festival Cururu Siriri; Espetacularização.

1. Introdução

Desde 2002 acontece em Cuiabá o *Festival Cururu Siriri*, um evento anual que tem alterado os rumos das tradições do Cururu¹, do Siriri² e, por consequência, de toda a cultura local. Isso se deve ao fato do Festival revalorizar essas duas manifestações musicais e projetá-las como protagonistas de um novo processo de afirmação da identidade local. Além disso, essas duas tradições, praticadas há aproximadamente 300 anos, tem sido transformadas por este evento através de um processo de espetacularização e midiaticização (RUBIM, 2005), o que faz com que elas tenham que alterar maneiras de se inserir na sociedade.

Ciente do tamanho desse evento, a pesquisa de mestrado em curso pelo autor deste texto busca fazer um estudo da música do Siriri e do Cururu feita dentro do Festival, em especial as edições de 2009 e 2010, buscando perceber as características musicais que se transformaram e/ou permaneceram, bem como a inserção e a importância destes gêneros e do evento na atual sociedade cuiabana. Este artigo irá tratar de algumas adaptações das duas tradições para inserção no festival e fazer uma breve contextualização histórica e social de onde surgiram e como tem se transformado essas duas tradições.

¹ O cururu é um folguedo tipicamente mato-grossense que tem uma especificidade: dele participam apenas homens, os cururueiros. Tocando viola de cocho e ganzá, eles se organizam em uma grande roda e cantam cantigas da região, comumente de louvação aos santos, ou cantam músicas de “porfia”, ou desafio, como a embolada nordestina.

² O siriri é uma manifestação tradicional do estado, executada por todos os gêneros e todas as faixas etárias, que envolve música e dança. Seus instrumentos típicos são a viola de cocho, o mocho e o ganzá. O siriri é uma música em compasso binário, simples e composto, formado por cantigas cantadas no estilo responsorial, onde um solista canta (pergunta) e o coro formado pelos dançarinos responde.

2. Contexto histórico do Siriri e do Cururu

A origem destas duas manifestações ainda é incerta. Para o Cururu, existem duas versões mais conhecidas: uma diz que ele surgiu de uma dança da tribo dos Bororos chamada *Bacururu* e outra diz de que ele veio trazido pelos bandeirantes, quando da ocupação do território mato-grossense. Quanto ao Siriri, Siqueira (2002, pg. 260) afirma que: “sua origem é muito discutível, alegando alguns que é um misto da musicalidade e da arte africana com a indígena; outros afirmam ainda que ela é uma mistura das artes branca, negra e índia”. Além disso, Rodrigues (2000) declara que a origem do siriri seria francesa, introduzida pelos jesuítas. Não se sabe ao certo há quanto tempo existem essas duas tradições, mas estima-se que elas tenham quase 300 anos, quando começa a corrida pelo ouro e a formação do povo mato-grossense (SIQUEIRA,2002).

Apesar de hoje haver um consenso quanto à importância dos dois gêneros para a identidade mato-grossense, tanto o siriri quanto o cururu sofreram um esquecimento muito grande desde a década de 1950 até meados dos anos 1990 (SANTOS, 1993). Esse esquecimento se deveu a vários fatores: a modernidade, os fluxos migratórios, os sistemas de comunicação e de mídia e também a uniformização da produção cultural, com regras estabelecidas nos grandes mercados.

Porém, nos últimos anos, a cultura popular voltou a ganhar força através do recente registro da construção da viola de cocho pelo IPHAN como patrimônio imaterial nacional (Vianna, 2005), dos incentivos de novas políticas públicas para a cultura popular do estado, com a criação do *Festival Cururu e Siriri* e, principalmente, devido à mudança de mentalidade da sociedade³.

3. O Festival e seus impactos

Como uma das expressões desse processo de revalorização da cultura cuiabana surgiu em 2002 o *Festival Cururu Siriri* (ARAÚJO, 2008). Segundo os organizadores do evento, ele tem o objetivo de “resgatar” as tradições do Cururu e do Siriri, além de “profissionalizar” os grupos e gerar desenvolvimento para a economia e o turismo local. Busca-se assim, conforme declarado, uma notoriedade nacional da cidade de Cuiabá, visando inclusive transformá-la no que seria uma nova “Parintins” (CARVALHO, 2009). Sobre a estrutura do Festival, Gushiken diz:

³ “A partir da segunda metade da década de 1990 há, no Estado de Mato Grosso assim como já vinha acontecendo em todo o Brasil, uma crescente preocupação com a revalorização do patrimônio cultural, das singularidades que se materializam na paisagem e ‘instituições de memória’ que ainda sobrevivem no cotidiano dos lugares.” SANT'ANA (2007, pg.1).

Trata-se de um evento de cultura tradicional, mas cujo funcionamento se caracterizou pela moderna concepção de planejamento, produção, logística e uso de tecnologia. O cenário da festa em 2008 incluiu a montagem da Praça Cururu Siriri, com 6.400 m², projetada para receber um público diário de 15 mil pessoas. A estrutura da praça disponibilizou arquibancadas, tablado central, palcos laterais, estrutura metálica com design de iluminação, instalação de sonorização potente e banheiros químicos (GUSHIKEN, 2009, pg. 4).

Uma das características mais marcantes do evento é a de trazer as duas culturas populares, antes restritas a festas de comunidades e religiosas, para um palco, como um espetáculo. Essa espetacularização traz inúmeras transformações nas duas tradições. Como o Festival é inspirado no Boi de Parintins e nas escolas de samba do rio, os grupos buscam sempre inovar e incrementar as suas apresentações, o que vai de encontro com a idéia de preservação e gera conflitos entre os grupos ditos “tradicionalistas” e “modernos”. Segundo Kalil:

Logo após o término do evento, figurinistas, maquiadores, coreógrafos e professores talentosos já começam a trabalhar na preparação do ano seguinte, em que são escolhidas novas toadas, assim como os sambas-enredos do Carnaval, e são preparadas as novas coreografias. Os santos homenageados costumam acompanhar os grupos dentro e fora dos palcos e figuram entre os elementos cruciais das apresentações (KALIL, 2008).

Essas incrementações, que antes não eram de preocupação dos grupos, são algumas das adaptações para o novo contexto em que eles se inserem. Para que possam ter uma melhor plasticidade nas suas apresentações e se tornarem mais “profissionalizados”, acontece o *Seminário Cururu Siriri*, no qual são ministradas oficinas, cursos e palestras de “capacitação, qualificação e profissionalização dos grupos de cururu e siriri” (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, 2009, pg. 2). Isso fez com que muitos grupos comesçassem a se tornar ONGs, associações, federações e pontos de cultura.

Com a descontextualização, muito do simbolismo religioso das duas tradições se perdem no Festival. Apesar de muitos signos religiosos como imagens de santos e cantigas se inserirem nas apresentações dos grupos, seu sentido se perde completamente. O mais importante para os grupos acaba sendo sua performance e o seu aspecto espetacular.

Outra característica marcante do Festival é o caráter político. O evento é um palco para a promoção política do prefeito, vereadores e gestores públicos (TAVARES E BRANCO, 2009). Durante todos os dias do evento, momentos de discursos políticos são intercalados às apresentações dos grupos.

Além disto, o Festival, como produto cultural, busca o desenvolvimento econômico do município e do estado – principalmente através do turismo, por isso a inspiração em Parintins – e de empresas particulares que patrocinam o evento. Estes

patrocinadores do Festival têm suas marcas anunciadas freqüentemente entre as apresentações dos grupos e em mídias como jornais, panfletos, TV, rádio e *outdoors*.

Todos estes fatores têm alterado de modo significativamente a relação das culturas populares com o contexto cultural onde estão inseridas. Segundo Benjamin (2001, p.22 *IN* TAVARES E BRANCO, 2009, pg.5) “As festas [aqui podem ser entendidas também como manifestações tradicionais do povo], em geral, vêm sofrendo significativas mudanças em sua organização, no Brasil, resultante da massificação da cultura, da urbanização, da divisão do trabalho e da modalidade da economia capitalista adotada”.

4. A Música do Festival

Apesar de todas essas transformações, as músicas do Siriri e do Cururu têm seguido aparentemente inalteradas no Festival. Os ritmos e instrumentos tradicionais permanecem os mesmos e os grupos mantêm cantigas tradicionais nas suas apresentações. No Siriri, o gênero mais espetacularizado no evento, os grupos são livres para executar qualquer gênero musical, nos vários momentos de suas performances, mas a maior parte da apresentação é formada de cantigas tradicionais de Siriri acompanhadas do mocho, da viola de cocho e do ganzá. Praticamente todos os grupos que se apresentaram no 8º *Festival Cururu Siriri* tocam músicas de outros gêneros, como gospel, pop, vaneirão, baião, xaxado, etc. Para essas outras músicas, instrumentos não tradicionais como violão e sanfona são utilizados.

No evento, o aspecto visual é mais valorizado do que o aspecto musical, o que segundo Cavalcanti (2002) é a tendência do espetáculo. Por isso, as inovações giram em torno da dança – com hibridizações da dança do siriri com outras como a dança do São Gonçalo e as quadrilhas juninas - e do figurino – antes feitos com tecidos de xita e agora feitos de diversos tecidos e com muitas influências de roupas de outros contextos, como a flamenca. O aspecto performático também é alvo de muita inovação. Os grupos utilizam de histórias, performances teatrais e outras inovações que não pertencem ao Siriri tradicional.

Quanto ao Cururu, apesar da mudança de contexto, pouca coisa foi alterada. Continua sendo tocado apenas por homens, os cururueiros, com os mesmos instrumentos e com o mesmo caráter de desafio. Diferentemente do Siriri, aspectos visuais não são a mola propulsora do cururu e praticamente não há inovações. Esse estilo busca ser retratado com a mesma fidelidade de onde é original e, por isso, a inserção do Cururu dentro do Festival demonstra claramente o “choque de mundos” entre o “tradicional” e o “moderno”. O Gênero é executado apenas por cururueiros antigos – a transmissão dessa tradição para as novas gerações ainda é um problema - e durante as apresentações dos grupos ficou evidente o

acanhamento dos músicos por estar em um contexto tão diferente do habitual. Por ser executado em roda, a captação do som das violas também ficou a desejar.

5. Conclusão

A Espetacularização das tradições é uma das formas com que manifestações como o Cururu e o Siriri fazem para se inserirem no contexto atual e é um exemplo do processo de fragmentação identitária do sujeito pós-moderno (HALL, 2006). Segundo Trigueiro, “As manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc) já não pertencem apenas aos seus protagonistas. As culturas tradicionais no mundo globalizado são também do interesse dos grupos midiáticos, de turismo, de entretenimento, das empresas de bebidas, de comidas e de tantas outras organizações sociais, culturais e econômicas (2005, pg.2)”.

Como evento relativamente novo, esse “choque de mundos” se mostra bastante intenso no Festival e faz com que muita coisa seja repensada. Essas duas manifestações têm sofrido muitas transformações em suas apresentações no Festival e uma ampla discussão sobre até onde se pode inová-las sem descaracterizá-las se faz agora extremamente necessária.

Referências:

ARAÚJO, G. **Danças folclóricas de cururu e siriri atraem turistas a Cuiabá.** G1 notícias, São Paulo, 28 ago. 2008. Brasil/Folclore. Disponível em: <[http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL739021-5598,00-DANCAS + FOLCLORICAS + DE + CURURU+E+SIRIRI+ATRAEM+TURISTAS+A+CUIABA.html](http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL739021-5598,00-DANCAS+FOLCLORICAS+DE+CURURU+E+SIRIRI+ATRAEM+TURISTAS+A+CUIABA.html)>. Acesso em: 19 abr. 2009.

CARVALHO, V. **8º Festival Cururu Siriri começa nesta sexta-feira em Cuiabá.** Jornal Mídia News, Cuiabá, 27 ago. 2009. Cotidiano/Cultura Regional. Disponível em: <<http://midianews.com.br/?pg=noticias&cat=3&idnot=6452>>. Acesso em: 27 ago. 2009.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Os sentidos no espetáculo.** IN Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, V. 45, nº 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100002. Acesso em: 02 mar. 2010.

GUSHIKEN, Y. **Folkcomunicação nas relações socioeconômicas e políticas contemporâneas.** In Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3114-1.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11 ed. 2006.

KALIL, L. **Cururu e siriri**: o resgate de duas tradições que colore Mato Grosso. UOL, Cuiabá, 04 set. 2008. UOL Viagem. Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/09/04/ult4466u393.jhtm>> Acesso em: 6 set. 2008.

RODRIGUES, M. B. D. **Movimento musical em Cuiabá**/ Dunga Rodrigues. Cuiabá, Ed. Da Autora, 2000.

SANT'ANA, A. P. VELHO, A. F. e SILVA, M. B. da. **Grupo de Siriri Flor Ribeirinha de Cuiabá**: mídia e legitimação da tradição na pós-modernidade. *IN* Anais 16º COLE: Congresso de leitura do Brasil. Unicamp, SP. 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss16_06.pdf. Acesso em: 12 mar. 2009.

RUBIM, A.A.C. Espetáculo. *In* RUBIM, Antonio(org.). **Cultura e Atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005. Pgs. 11-28.

SANTOS, A. **Viola-de-cocho**: Novas Perspectivas/ Abel Santos. – Cuiabá: Editora da UFMT, 1993.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **VIII Festival Cururu Siriri** – Regulamento. Cuiabá, 2009. Disponível em: <www.nossasenhora.dolivramento.mt.gov.br/download.php?id=256> Acesso em: 29 jun. 2009.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso**: Da ancestralidade aos dias atuais/ Elizabeth Madureira Siqueira. – Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TAVARES, D. C. E BRANCO, R. D. dos S. **A Folkcomunicação na Contemporaneidade** – A Instrumentalização das Expressões Folclóricas Cuiabanas na Campanha Política para Prefeito de Cuiabá- MT. *In* Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/36-folkcom%202009%20%20A%20Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o%20na%20Comtemporaneidade%20-.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2010.

TRIGUEIRO, O.M. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Revista eletrônica temática, 2005. disponível em <http://www.insite.pro.br/2005/08A%20espetaculariza%C3%A7%C3%A3o%20das%20culturas%20populares%20.pdf>. Acessado em: 10 nov. 2009.

VIANNA, Letícia. **O caso do registro da Viola-de-cocho como patrimônio imaterial**. Revista sociedade e Cultura, v.8, n.2, Jul./Dez. 2005, p. 53-62.